

10 PEÇAS CURTAS INFANTIS

José Rubens Siqueira

Índice

3	SAPASSARINHO
9	A PENA DE PANJUÍ
14	A FAZENDA TOCA DA ONÇA
21	PEDRAS QUE ANDAM
27	DONA TININHA DO POÇO
33	O MISTÉRIO DOS OVOS
42	ONTOFAGASTA, BRUXA
49	VIRA-LATA LEGÍTIMO
55	YOMESAN, O MATADOR DE SERPENTES
61	DUPLO ENCANTO

SAPASSARINHO
de José Rubens Siqueira

personagens

SAPO

PASSARINHO

SAPO 2

APRESENTADOR DE CIRCO

ANJO

NARRADOR

contra regra

ROUPAS ADEQUADAS

PAR DE ASAS DE ANJO

NARRADOR - Era uma vez um sapo verde que vivia muito feliz na sua lagoinha lá no Mato Grosso do Sul. Um dia, ele achou um par de asas.

SAPO EXAMINA AS ASAS QUE ACHOU NO CHÃO.

SAPO - Ué, duas asas, sem passarinho? Será que alguém perdeu? Ou será que é de um anjinho?
Achado, não é roubado. E eu sempre quis ter asas. Os passarinhos voam alto e mergulham na lagoa e comem os sapinhos mais novos. Chegou a hora da vingança. Se servir em mim... Serviu. Êba, agora eu posso voar.

O SAPO VESTE AS ASAS E SAI VOANDO PELO ESPAÇO.

ENTRA OUTRO SAPO SALTANDO E FICA PARADO OLHANDO O SAPO VOADOR.

SAPO - Olá, amigo, que tal o meu vôo rasante?

SAPO 2 - Aha... Sapo não voa.

SAPO - Mas eu vôo, sim. Olha aí.

SAPO 2 - Então você não é sapo. Porque sapo não voa.

SAPO - Mas eu sempre fui sapo. Eu sou sapo. É que eu agora tenho asas, posso voar, feito os passarinhos.

SAPO 2 - Tsc, tsc, tsc... Nunca vi tamanha besteira. Que coisa mais feia você é. Já se olhou no espelho, já? Você parece um monstro.

SAPO - Eu? Um monstro? Mas eu achei que estava tão lindo com as minhas asas...

SAPO 2 - Suma daqui, monstrengo. Esta lagoa é só nossa que somos sapos de verdade. Suma, fora! Senão eu vou chamar o resto do pessoal pra gente te dar uma lição.

O SAPO COM ASAS SAI VOANDO.

NARRADOR - Triste porque tinha sido expulso da sua lagoa, onde viviam todos os seus amigos, o sapo resolveu voar mais alto. Se os sapos não queriam saber dele, talvez encontrasse amigos no meio dos passarinhos.

SAPO ENTRA VOANDO E DÁ DE ENCONTRO COM UM PASSARINHÃO.

AMBOS CAEM.

SAPO - Desculpe, amigo, mas é que eu sou novo no ramo. É o primeiro dia das minhas asas. Ainda estou aprendendo a voar.

PASSARINHÃO OLHA PARA ELE E CAI NA GARGALHADA.

SAPO - O que foi, amigo? Do que você está rindo?

PASSARINHÃO - Você... quá, quá, quá... você é novo no... Quá, quá, quá, quá... Ha ha ha hihihhi...

PASSARINHÃO ROLA NO CHÃO DE RIR.

SAPO - Não entendo porque você está rindo tanto. Eu não vejo nada demais. Afinal, se vocês voam porque é que eu não posso voar? O céu é para todos.

PASSARINHÃO - É que... Ha ha ha ha ha he he he... Você não parece hi hihihhi hi hi... não parece passarinho... Ha ha ha ha ha...

SAPO - Por que não? Passarinho tem asas, não tem? Passarinho tem perna, não tem? Eu também tenho. Pronto. Sou passarinho sim, e daí?

PASSARINHÃO - Passarinho tem pena... ha ha ha ha ha... eu nunca tinha visto passarinho verde, pelado, sem bico... ha ha ha ha... passarinho com cara de sapo... he he he he... Ai, que engraçado! Eu não aguento! Espere aí seu sapassarinho, eu vou chamar os meus amigos pra eles rirem também... Qua qua qua ha ha ha ho ho ho he he he...

PASSARINHÃO SAI SE TORCENDO DE RIR.

SAPO - Sapassarinho? Até que não é má idéia. Eu sou sapo, mas os sapos meus irmãos não querem mais saber de mim. Tenho asas como os passarinhos, mas os passarinhos também não querem saber de mim. Então eu sou um sapassarinho. Sou um fenômeno. Quem sabe... quem sabe se eu for para um circo?... Posso ganhar um bom dinheiro, ficar famoso. “Sapassarinho, o fenômeno. O sapo com asas. O sapo voador. Não percam!” É isso aí. Vou voar até a cidade, ver se avisto um circo.

SAPO VOA EM CÍRCULOS.

NARRADOR - Depois de muito voar, o sapo encontrou trabalho no circo.

APRESENTADOR – Senhoras e senhores, temos o prazer de apresentar o nosso mais recente contratado! O fenômeno mundial! O Sapassarinho!...

MÚSICA CIRCENSE. O SAPO ENTRA E VOA EM CÍRCULOS, FAZENDO MIL PIRUETAS. INSTRUÍDAS PREVIAMENTE, AS CRIANÇAS VAIAM. O SAPO SE DESEQUILIBRA E CAI. COMEÇA A CHORAR.

SAPO - Ih, não deu certo também. Que droga! Por que é que eu tinha de achar essas asas? Pensei que ia ser mais feliz, mas ninguém quer saber de mim. Não sou mais sapo, mas também não sou passarinho. Nem como fenômeno dei certo. O jeito é arrancar isto aqui e voltar pra minha lagoa.

*ELE TENTA TIRAR AS ASAS SE CONTORCENDO E GEMENDO.
NÃO CONSEGUE.*

SAPO - E agora? O que é que eu faço? A asa grudou em mim. Alguém tem uma tesoura? Um machado? Uma serra elétrica? Alguém tira isso

aqui de mim. Eu sou sapo. E sapo eu quero ser. Sou sapo, sou sapo,
sou sapo.

CHORA.

UM ANJINHO TRISTE AVANÇA, CHORANDO DE BEICINHO DERRUBADO.

SENTA-SE AO LADO DO SAPO, CHORA.

SAPO PERCEBE, PARA DE CHORAR, OLHA O ANJINHO SEM ASAS.

SAPO - Ô rapaz, tá chorando por que?

ANJO - Porque... porque eu... porque eu sou um anjo, mas... Buáááá.....

SAPO - Anjo? Anjo sem asas?

ANJO - É por isso que eu estou chorando. Eu fui dar um mergulho na lagoa e tirei as minhas asas, quando eu voltei alguém tinha roubado as minhas asas. Agora eu não posso mais voltar pra minha nuvem. Se eu voltar sem asas, minha mãe me bate.

SAPO - Como é que elas era, as suas asas?

ANJO - Branquinhas, novinhas. Foi meu padrinho que me deu de presente de aniversário.

SAPO - Será que algum sapo roubou?

ANJO - Acho que sim. Aquela lagoa estava cheia de sapos.

SAPO - Você sabe o que eu sou?

ANJO - Anjo, ué. Um anjo verde. Você tem asas...

SAPO - Olha, deixa eu te explicar direitinho. Eu não sou anjo, não.

ANJO - Não?

SAPO - Não. Eu sou um sapo. E essa asa aqui é sua.

ANJO - Minha? Mas como...

SAPO - Foi assim. eu sempre quis muito voar. E achei essas asas na lagoa. Aí...

ANJO - Você roubou as minhas asas?

SAPO - Não. Péra aí. Eu não roubei. Eu só botei nas costas e saí voando. Eu não sabia que tinha dono.

ANJO - Mas pra que você quer asa? Sapo é mais bonito sem asa.

SAPO - Pois é. Agora eu já sei que é mesmo, mas não consigo arrancar a bandida da asa.

ANJO - (RI) Ah, é fácil. Quer ver?

COM TODA FACILIDADE ELE ARRANCA AS ASAS DO SAPO.

ANJO - Pronto.

SAPO - Oh... Muito obrigado, anjinho.

ANJO - Você não quer mais ela?

SAPO - Eu não. Eu sou sapo.

ANJO - Posso pegar de volta?

SAPO - Claro. É sua, esteja à vontade.

O ANJO VAI VESTIR A ASA, MAS O SAPO O DETÉM.

SAPO - Mas tem uma condição.

ANJO - Qual?

SAPO - Você me dá uma carona pra lagoa?

ANJO - Claro que dou.

SAPO - Então vambora.

O ANJO VESTE AS ASAS. O SAPO MONTA NAS SUAS COSTAS E OS DOIS VÃO EMBORA VOANDO.

A PENA DE PANJÚÍ
Original de José Rubens Siqueira

personagens

NARRADOR

PANJÚÍ

COTIA

TATU

ÁGUIA

CACIQUE

contra regra

ROUPAS ADEQUADAS

PENA PARA A CAUDA DA ÁGUIA

ARCO E FLECHAS

NARRADOR - Lá no meio da floresta, perto do rio maior do mundo vivia uma tribo de índios. A tribo dos Taguaí. Tinha o cacique, o pajé, muitos guerreiros valentes, mulheres e crianças de todo o tamanho. Panjuí era o filho do cacique.

PANJUÍ - Pai, já escolhi minha mulher. Chegou a hora de eu me casar.

CACIQUE - Pra se casar, Panjuí tem de obedecer o costume da nossa tribo.

PANJUÍ - Preciso caçar uma águia e pegar a pena mais comprida da sua cauda pra usar na cabeça.

CACIQUE - Isso mesmo. Prepare seu arco e suas flechas. Na primeira lua cheia você sobe no morro para caçar sua águia. Quanto maior a águia, maior a pena da sua cauda. Quanto maior a pena, mais importante é Panjuí.

NARRADOR - De noite, Panjuí olhou o céu. A lua estava fininha, parecia uma unha cortada. Era o quarto minguante. No dia seguinte, Panjuí saiu pela floresta.

COTIA - O que está fazendo, Panjuí?

PANJUÍ - Estou procurando uma vara bem forte para fazer o meu arco, Cotia.

COTIA - Panjuí vai caçar os bichos?

PANJUÍ - Eu vou me casar, Cotia. Na minha tribo um homem que quer casar tem de ter pena de águia na cabeça. Eu vou caçar uma águia.

COTIA - E Panjuí tem coragem de matar um bicho tão lindo?

PANJUÍ - É preciso.

COTIA - Por que?

PANJUÍ - Porque eu quero me casar.

NARRADOR - Panjuí achou a vara, lixou bem com a sua pedra afiada, trançou a palha até conseguir um cordão bem forte e fez o seu arco. Quando ficou pronto, Panjuí olhou o céu. A lua tinha sumido. Era a lua

nova, a lua que não brilha no céu. No dia seguinte, Panjuí saiu pela floresta outra vez.

TATU - Onde é que vai, Panjuí?
PANJUÍ - Estou procurando varas para fazer flechas, Tatu.
TATU - Panjuí vai matar bicho?
PANJUÍ - Eu vou caçar uma águia, preciso da pena dela para poder me casar.
TATU - Eu pensei que Panjuí só matava para comer.
PANJUÍ - Desta vez tem de ser diferente, Tatu. É o costume da minha tribo.
TATU - O cacique das águias não vai gostar disso. Não vai, não.

NARRADOR - Panjuí cortou muitas varas. Em todas ele fez uma ponta bem afiada e colocou duas peninhas de arara, com as cores da sua tribo: azul e vermelho. Quando tudo ficou pronto, Panjuí olhou o céu. A lua tinha aparecido de novo. Estava bem fininha, era o quarto crescente. Panjuí sabia que todo dia a lua ia crescer um pouquinho, até ficar cheia, redonda. E durante a semana ele descansou na rede, pra ficar forte e cheio como a lua.

PANJUÍ - A luz da lua cheia iluminou o caminho para mim. Encontrei o ninho da águia. Agora é só esperar ela voltar.

MÚSICA. A ÁGUIA SURGE, VOANDO EM CÍRCULOS, AGITANDO AS ASAS SOBRE AS CRIANÇAS. ELA

POUSA, AJEITA AS ASAS.

PANJUÍ SE APROXIMA PÉ ANTE PÉ, COM O ARCO APONTADO.

A ÁGUIA PERCEBE E SE VOLTA.

ÁGUIA - Quem é você?
PANJUÍ - O meu nome é Panjuí, filho do cacique, da tribo das Taguaí.
ÁGUIA - O que é que você quer?
PANJUÍ - Quero me casar.
ÁGUIA - Por isso subiu aqui, até o morro das águias?

PANJUÍ - É. Os guerreiros da minha tribo só podem se casar se tiverem uma pena de águia para enfeitar a cabeça.

ÁGUIA - Você quer uma pena da minha cauda?

PANJUÍ - Preciso te matar primeiro.

ÁGUIA - Então, são os guerreiros da sua tribo que estão matando as águias do meu reino?

PANJUÍ - Seu reino?

ÁGUIA - Sou o cacique das águias. E desta vez, em vez de águia, é um índio que vai morrer. Prepare-se para lutar comigo, Panjuí.

PANJUÍ - Eu não posso lutar com você.

ÁGUIA - Por que? Se não lutar vai morrer. Você está com medo?

PANJUÍ - Eu ainda não sou cacique. E um simples guerreiro não pode lutar com um cacique. Baixo o meu arco e a minha flecha e respeito tudo o que o cacique das águias mandar.

ÁGUIA - Pois então, Panjuí. Quero que me prometa uma coisa.

PANJUÍ - O que?

ÁGUIA - Que quando você for cacique, vai mudar esse costume da sua tribo.

PANJUÍ - Eu prometo.

ÁGUIA - Vejo que ficou triste, guerreiro Panjuí. Por que?

PANJUÍ - Porque o costume da minha tribo ainda não mudou. E sem a pena de águia não vou poder me casar. E se não puder me casar, não vou poder ser cacique, porque só guerreiro casado é que pode ser cacique. E se eu não puder ser cacique, não vou poder mudar o costume da minha tribo. Por isso estou triste.

ÁGUIA - Panjuí é valente. Por isso, te dou a pena maior de minha cauda.

A ÁGUIA RETIRA DA CAUDA UMA GRANDE PENA PRATEADA.

PANJUÍ SE AJOELHA PARA RECEBER A PENA.

COM GESTOS DE GRANDE CERIMÔNIA, A ÁGUIA COLOCA A PENA DE PRATA NA TIRA DA CABEÇA DE PANJUÍ.

NARRADOR - Panjuí voltou para sua tribo. Três luas depois, fizeram uma grande festa para o casamento.

CACIQUE - Panjuí tem uma pena de prata da cauda do cacique das águias. Já pode se casar. Já pode ser cacique. Eu já estou velho e cansado, Panjuí fica cacique no mu lugar.

PANJUÍ - Panjuí aceita ser cacique.

CACIQUE - E qual a primeira lei do cacique Panjuí?

PANJUÍ - Panjuí tem um segredo e uma promessa.

CACIQUE - Qual o segredo?

PANJUÍ - Eu não matei o cacique das águias. Ele me deu de presente a pena prateada de sua cauda em troca de uma promessa.

CACIQUE - Qual promessa?

PANJUÍ - A promessa de que os guerreiros da tribo Taguaí não vão mais matar as águias para poder se casar.

CACIQUE - Panjuí vai mudar o costume da tribo?

PANJUÍ - Vou.

CACIQUE - Se Panjuí prometeu, tem de cumprir a promessa, porque Panjuí agora é o cacique da tribo dos Taguaí.

MÚSICA.

A ÁGUIA ENTRA EM CENA OUTRA VEZ, CIRCULA PELO ESPAÇO.

ENVOLVE O VELHO CACIQUE E PANJUÍ COM AS SUAS ASAS E SAEM TODOS ABRAÇADOS, VOANDO.

A FAZENDA TOCA DA ONÇA

de José Rubens Siqueira

personagens

NARRADOR

ROSA

PAI

SEU ELIAS

DONA DINORÁ

ONÇA

contra regra

ROUPAS ADEQUADAS PARA TODOS

ROUPA DE ONÇA

MESA CADEIRAS PRATOS TALHERES

ESPINGARDA

SOMBRINHA PARA DINORÁ

AVENTAL PARA ROSA

NARRADOR - A Rosa mora numa grande fazenda, junto com o seu pai. A mãe dela tinha morrido quando ela era pequena e era ela que fazia a comida, arrumava a casa e lavava a roupa. Mas o que a Rosa gostava mesmo era dos bichos.

MESA COM PRATOS EMPILHADOS, TALHERES, COPOS, ETC. O PAI ENTRA COM ESPINGARDA NA MÃO, OLHA EM TORNO E CHAMA.

PAI - Rosa, Rosa, Rosa!

O PAI ENCOSTA A ESPINGARDA NA MESA.

ROSA ENTRA CORRENDO, AMARRANDO O AVENTAL NA CINTURA. ARRUMA A MESA ENQUANTO FALA.

PAI - A comida ainda não está pronta, filha?

ROSA - Não, pai. Mas pode deixar que eu apronto num minuto.

PAI - Você estava brincando com os bichos outra vez, Rosa?

ROSA - Brincando não, pai. Eu estava cuidando deles.

PAI - Isso não é serviço seu, filha. Seu Elias gosta de tudo bem organizado aqui na fazenda dele. Os tratadores é que cuidam dos bichos.

ROSA - Eles cuidam, mas não conversam com os bichos, pai.

PAI - Que bobagem, menina. Conversar com bicho! Onde já se viu? Bicho não entende nada.

ROSA - Entende, sim, pai. Quando eu converso com as vacas elas dão mais leite, quando eu converso com as galinhas elas botam muito mais ovos.

PAI - Bobagem. Você não devia perder tempo com essas coisas. Trate de fazer o seu serviço. Senão o seu Elias acaba ficando bravo é comigo.

ROSA - Duvido. O seu Elias é bom. Garanto que se o senhor pedisse ele deixava eu ser tratadora dos bichos também.

PAI - Nada disso.
ROSA - Mas eu gosto tanto dos animais, pai.
PAI - Não! Além disso, é perigoso.
ROSA - Perigoso, pai? Aqui só tem vaca, porco, galinha, pato, ganso, marreco...
PAI - E onça.
ROSA - Onça? Eu nunca vi onça na fazenda.
PAI - Mas agora tem.

ROSA SAI BREVEMENTE PARA PEGAR A COMIDA. O PAI PEGA A ESPINGARDA E EXAMINA CUIDADOSAMENTE. ROSA RETORNA COM TERRINA DE SOPA QUE COLOCA NA MESA E SERVE OS PRATOS ENQUANTO FALA.

ROSA - Pra que essa espingarda, pai??!!
PAI - Pra matar a onça. Eu e todos os homens da fazenda vamos procurar ela no mato agora de tarde.
ROSA - Matar a coitada?
PAI - Que coitada nada, filha. Toda manhã aparece algum bicho morto no pasto. Um dia é bezerro, no outro é carneiro. Só pode ser onça. E onça brava.
ROSA - Mas por que o senhor vai matar ela, pai?
PAI - Ué, porque ela está matando os bichos.
ROSA - Mas ela só mata pra comer.
PAI - Essa onça não. Ela mata de ruindade e não come nada não.
ROSA - Então, deve ter acontecido alguma coisa com ela.
PAI - Que nada, Rosa, Onça é bicho ruim.
ROSA - Deixa eu ir conversar com ela, pai.
PAI - Tá maluca, menina??!! Conversar com onça brava??! Onde já se viu. Deixa de bobagem e trate de comer sossegada. E não me fale mais em bicho, tá ouvindo?

OS DOIS COMEM EM SILÊNCIO.

NARRADOR - Rosa passou o dia inteiro preocupada com a onça. Ela sabia que mesmo os bichos mais ferozes nunca matam sem razão. Alguma coisa devia ter acontecido com a onça. E Rosa resolveu descobrir. Saiu pro mato procurando a onça.

A MESMA MESA COM AS MESMAS CADEIRAS; A MESA AGORA ESTÁ VAZIA.

PAI - Rosa, Rosa. Onde será que se meteu essa menina agora. Deve estar lá no meio dos bichos de novo. Rosa!

O PAI VAI SAIR, MAS ENTRAM SEU ELIAS E DONA DINORÁ. E ELE TORNA A ENTRAR. DONA DINORÁ É MUITO FRESCA, TODA CHIQUE, DE SOMBRINHA E LUVAS.

PAI - Ô, seu Elias! Dona Dinorá, quanta honra em receber a senhora na minha humilde casinha. Por favor, entrem. Sentem, sentem.

SEU ELIAS E DONA DINORÁ SENTAM-SE NAS PONTAS DAS CADEIRAS, MUITO FORMAIS E CERIMONIOSOS.

ELIAS - Seu Waldemar eu vim aqui pra saber da onça. Como é? Mataram ela?

PAI - Pois olha, seu Elias, eu saí com todos os caboclos da fazenda. Andamos por esse mato todo aí. E nem rastro da danada. Ela deve estar muito bem escondida.

ELIAS - Pois muito bem, seu Waldemar. Amanhã de manhã o senhor trate de sair de novo com todos os homens. Se precisar, mando buscar mais gente nas outras fazendas. Acabe com essa onça que ela já me deu muito prejuízo. Matou cinco bezerros e três carneiros.

PAI - Pode deixar, seu Elias. Amanhã sem falta a gente acaba com a danada.

DINORÁ - O senhor me faça um favor, seu Waldemar. Quanto matar a onça mire bem a espingarda pro tiro pegar num lugar que não apareça,

está ouvindo? Não deixe estragar a pele de jeito nenhum, ouviu? Eu quero fazer um casaco de pele de onça pra dar de presente pra minha filha. E por falar nisso, onde está a sua filha?

PAI - Não sei, não, senhora. Acho que... quer dizer... ela deve estar lá... Ela não está em casa no momento, dona Dinorá.

DINORÁ - É que eu vou dar uma festa amanhã e queria que ela viesse me ajudar, ouviu? Ela sabe cozinhar, não?

PAI - Cozinha que é uma beleza, dona Dinorá. O que estraga a coitadinha é que ela adora os bichos. Se deixar ela passa o dia inteiro no pasto, conversando com as vacas.

DINORÁ - Conversando com as vacas? Ela não é... maluca, pois não?

ELIAS - *(censurando a mulher)* Dinorá! Isso é coisa que se diga?

PAI - Não é maluca, não, senhora. É até muito esperta. ela conversa com os bichos e eles parece que entendem tudo, só vendo que beleza!

DINORÁ - Que horror! Uma moça metida no meio de animais! O senhor não deve permitir uma coisa dessas. Lugar de mulher é na cozinha, dentro de casa!

PAI - Claro, dona Dinorá, claro. A senhora tem razão. Mas acontece que a Rosa tem mesmo muito jeito pra lidar com a criação, sabe? Uma vez, um bezerrinho caiu numa cova lá no pasto e machucou a perna. A Rosa tratou do bichinho que só vendo. Sarou num piscar de olho.

DINORÁ - Bem, quando ela chegar o senhor diga à Rosa para estar em minha casa amanhã bem cedinho. Tenho muito trabalho para ela.

ELIAS - E vê se não deixa essa onça escapar amanhã, Waldemar.

PAI - Pode deixar, seu Elias. De amanhã, não passa.

ROSA ENTRA COM A ONÇA.

ROSA - É melhor resolver tudo hoje mesmo.

*O PAI, DONA DINORÁ E SEU ELIAS SE APAVORAM COM A ONÇA;
TODA CERIMÔNIA DESAPARECE, TODOS TREPAM NA MESA, APAVORADOS.*

DINORÁ - Elias, acho que vou desmaiar.
ELIAS - *(TREMENDO)* Calma, Dinorá, calma.
DINORÁ - Que calma que nada! Olha aí. É uma onça. Uma onça de verdade!
PAI - Minha espingarda. Onde é que está minha espingarda?
ROSA - Ô, pai, ela não vai fazer nada pra ninguém.

*A ONÇA SE DIVERTE, FAREJANDO OS PÉS DOS TRÊS SOBRE A MESA,
TOCANDO-OS COM A PONTA DAS GARRAS.
OS TRÊS SE ABRAÇAM, TREMENDO EM CONFUSÃO.*

DINORÁ - Tira esse bicho daqui, menina. Tira. Já!
ELIAS - Que perigo! Essa menina está maluca.
PAI - O que que é isso, Rosa? Como é que você traz uma onça viva pra dentro de casa?
ELIAS - Já não basta os bichos que ela está matando?
ROSA - Ela não vai matar mais bicho nenhum, seu Elias. Ela só atacou os bezerros no pasto porque o senhor prendeu o filhotinho dela na jaula.
PAI - E como é que você sabe disso, Rosa?
ROSA - Ela me contou.
DINORÁ - Essa menina é maluca. Maluca de uma vez!
ELIAS - Não é não. Eu prendi mesmo o filhote de onça.
DINORÁ - E por que é que você fez isso, Elias? Não se deve cutucar a onça com vara curta, já dizia minha avó.
ELIAS - Eu queria fazer uma surpresa pra nossa filha. Ia criar a oncinha até ela crescer e depois mandar fazer o casaco de onça que ela tanto quer. Como é que eu ia saber que a mãe da oncinha ainda estava por perto?
DINORÁ - Olha só o perigo que você nos meteu. Uma onça, uma onça, uma onça. Aaaaaaaai. Eu vou desmaiar.

DONA DINORÁ DESMAIA NOS BRAÇOS DE SEU ELIAS.

ROSA - E então, seu Elias? Se o senhor soltar o filhotinho dela, a onça promete que nunca mais ataca nenhum bicho.

PAI - O senhor solta?

ELIAS - Solto, claro que solto. Já estou soltando.

*ELE SOLTA DONA DINORÁ, QUE CAI FRAGOROSAMENTE SOBRE A MESA.
A ONÇA A FAREJA NO ROSTO, ELA DESPERTA E SAI CORRENDO.
SEU ELIAS DESCE CAUTELOSAMENTE DA MESA.*

ROSA - Então vamos.

*APAVORADOS COM A ONÇA, TODOS SAEM, CAUTELOSAMENTE.
ROSA VAI COM ELES, SORRINDO SATISFEITA.
ANTES DE SAIR, VOLTA-SE E DÁ UMA PISCADA PARA A PLATÉIA.*

NARRADOR - Desse dia em diante, era a Rosa que dizia como é que se tratava dos bichos todos da fazenda.
A onça? A onça nunca mais atacou bezerro nenhum.
Contam até que ela defendia a fazenda de qualquer outro bicho que chegasse por ali.
E por isso a fazenda ficou chamando Toca da Onça.

PEDRAS QUE ANDAM

de José Rubens Siqueira

personagens

NARRADOR

MENINO

VOZ DO GÊNIO

BAILARINA 1

BAILARINA 2

CONTADOR DE HISTÓRIAS

TARTARUGA VIVA

contra regra

ROUPAS ADEQUADAS PARA TODOS

REDE DE CAÇAR BORBOLETAS

GARRAFA BONITA DE VIDRO VERDE

PILHA DE ALMOFADAS

ROUPA RICA PARA O MENINO

TARTARUGA VIVA E ÁGIL

NARRADOR - Antigamente se dizia que a China ficava bem no centro do mundo. É que de lá vinha tudo quanto existe. De lá é que vieram os tigres, o unicórnio, a tartaruga... E sabem como apareceu a tartaruga? Foi assim: uma vez um menino estava caçando borboletas, quando de repente...

MENINO CORRENDO PELO ESPAÇO COM REDE PARA PEGAR BORBOLETAS, PERSEGUINDO UMA INVISÍVEL. ELE PEGA, ENFIA A MÃO DENTRO DA REDE E EXAMINA UMA BORBOLETA INVISÍVEL.

MENINO - Que borboleta esquisita! Não tem asas coloridas, não tem antenas na cabeça e em vez de pernas fininhas tem pernas e braços como eu.

VOZ DO GÊNIO - É que eu não sou borboleta, menino. Eu sou um gênio e peço que você me solte.

MENINO - Um gênio? Mas eu pensei que os gênios fossem bem grandes e que vivessem presos dentro de garrafas.

VOZ - Eu acabei de escapar de uma garrafa depois de ficar preso mais de mil anos. Peço que me solte.

MENINO - Mas você é pequeno demais para ser gênio.

VOZ - Tem gênio de todo tamanho. Me solte, por favor.

MENINO - Você é mesmo um gênio poderoso? Daqueles que realizam todos os pedidos da gente?

VOZ - Sou, sim. E se você me soltar, eu deixo você me fazer um pedido.

MENINO - O que eu quiser?

VOZ - O que você quiser.

MENINO PENSA UM LONGO INSTANTE, EXAMINANDO O GÊNIO INVISÍVEL EM SUA MÃO.

MENINO - Se eu soltar você atende um pedido meu, mas se eu te prender numa garrafa de novo você vai ter de atender todos os meus pedidos, não é assim?

VOZ - É. É assim, mas eu te peço que não me prenda de novo.
É tão bom viver solto e poder voar como as borboletas...

MENINO - E por que é que eu vou te soltar e ter um pedido só, se eu posso te prender e ter tudo o que eu quiser?
Não, gênio, você volta pra garrafa.

O MENINO TIRA DA ROUPA UMA GARRAFA.

JOGA O GÊNIO INVISÍVEL LÁ DENTRO E FECHA A ROLHA COM TODO CUIDADO.

MENINO - Pronto. Agora você é meu escravo e eu posso pedir tudo o que eu quiser.

NARRADOR - A primeira coisa que o menino fez foi pedir um castelo cheio de tesouros e uma mesa cheia das comidas mais gostosas do mundo. Mas como ele não era um menino muito bom, não, ele não quis repartir nada com ninguém. E ficou sozinho em seu castelo. Como não tinha com quem conversar passava o tempo inteiro fazendo pedidos pro gênio.

MENINO DEITADO NUMA MONTANHA DE ALMOFADAS, VESTIDO DE ROUPAS NOVAS E DOURADAS.

ELE BOCEJA, ENTEDIADO, GIRANDO A GARRAFA NAS MÃOS.

MENINO - Deixa ver... O que é que eu vou pedir agora? Já te pedi um pedaço da lua e você trouxe, já te pedi uma estrela pra fazer um brinco pra minha namorada e você trouxe. Agora...

VOZ - Por favor, meu senhor, não me peça mais nada hoje.
Os gênios também ficam cansados.

MENINO - Nada disso! Nada disso! Gênio que é gênio não pode ficar cansado. Além disso, eu não tenho nada pra fazer, você é que tem que me divertir. Você tem que me obedecer, ouviu?

VOZ - Sim, meu amo. Eu obedeco.

MENINO - Então... Eu quero uma bailarina para dançar para mim. Ou melhor, eu quero duas bailarinas.

AS LUZES OSCILAM, OUV-SE UM GRANDE RUÍDO, IMEDIATAMENTE SEGUIDO DE MÚSICA.

SURGEM DUAS BAILARINAS COM TRAJES ORIENTAIS.

O MENINO APLAUDE, ENQUANTO ELAS FAZEM UMA REVERÊNCIA PARA ELE.

COMEÇAM A DANÇAR. DANÇAM AS DUAS, MEXENDO COM AS CRIANÇAS.

TERMINAM POR DESENROLAR UM GRANDE VÉU COM QUE COBREM O MENINO.

ELE SE ACOMODA PARA DORMIR.

NARRADOR - Dia após dia, o menino mau fazia pedidos cada vez mais difíceis. E o gênio atendia todos os pedidos, porque um gênio preso numa garrafa é obrigado a obedecer. Um dia, ele estava mais chateado do que nunca e nada do que o gênio sabia fazer era divertido para ele. Então, o próprio gênio teve uma idéia...

VOZ - Vou trazer para você, meu amo, um contador de histórias.

AS LUZES OSCILAM, OUV-SE UM GRANDE RUÍDO, IMEDIATAMENTE SEGUIDO DE MÚSICA.

ENTRA UM HOMEM EM ROUPA ORIENTAL, COM TURBANTE E TUDO.

SENTA-SE DIANTE DO MENINO E COMEÇA A NARRAR.

CONTADOR - Antes de ser como é, o mundo era diferente. Todas as coisas tinham vida. As árvores não saíam do lugar, mas elas sabiam falar. Passava um viajante na estrada, a árvore baixava o seu galho numa elegante saudação e dizia: Aceita uma das minhas frutas, viajante?

O MENINO RI, INTERESSADO, ANIMADO.

CONTADOR - O rio, as águas do rio, eram como fadas que dançavam no meio das pedras, sempre cantando baixinho com seus vestidos prateados que brilhavam no luz do dia.

MENOS ANIMADO, O MENINO SORRI.

CONTADOR - As nuvens eram bailarinas que iam seguindo o sol com os seus vestidos que de manhã eram amarelos, de dia ficavam brancos e no fim do dia vermelhos como fogo, bailando no azul do céu.

O MENINO BOCEJA E SE ACOMODA EM SUAS ALMOFADAS.

CONTADOR - O vento contava histórias das terras por onde tinha andado. Nesse tempo tudo era vivo. Até as pedras andavam...

O MENINO SE DEITA DE COSTAS, IGNORANDO O CONTADOR, BOCEJA DESINTERESSADO.

MENINO - Gênio, pode mandar embora o contador de histórias.

O CONTADOR SE RETIRA IMEDIATAMENTE.

VOZ - Não gostou, meu amo?

MENINO - Não, não gostei da história dele. Só achei bom aquele pedaço que as pedras andavam.

DE REPENTE, O MENINO SE ANIMA, SENTA-SE NAS ALMOFADAS, AGARRA A GARRAFA.

MENINO - É isso! Que boa idéia! É isso que eu quero agora, gênio. Quero que você faça as pedras andarem.

VOZ - Não! Por favor, meu amo, não me peça uma coisa dessas.
É difícil demais para mim.

MENINO - Eu quero!

VOZ - Seu eu fizer isso, amo, eu vou morrer.

MENINO - Não me importa. você já me deu tesouros para durar a minha vida inteira, não preciso mais de você. Você é só meu escravo. E é isso que eu quero. Quero que as pedras andem.

VOZ - Muito bem. Se meu amo quer, assim será feito. As pedras andarão, mas é a última coisa que eu faço. Adeus, meu amo.

MENINO - Adeus só depois que pelo menos uma pedra andar. Vamos gênio, obedeça.

VOZ - Aí está, amo. Agora... adeus.

MENINO - Onde? Onde? Onde é que está? Espera, gênio. Você não pode morrer antes de fazer pelo menos uma pedra andar.

DE REPENTE, O MENINO ESTACA, OLHANDO DE OLHOS ARREGALADOS ALGUMA COISA: UMA TARTARUGA VEM ANDANDO COM SUA SOLENIDADE PELO ESPAÇO. ASSIM FOI QUE SURGIRAM AS TARTARUGAS.

NARRADOR - E assim foi que surgiram as tartarugas.

Na China, até hoje, elas são animais sagrados, porque cada tartaruga é uma pedra com um pedacinho da alma do gênio que deu a vida pra elas.

DONA TININHA DO POÇO

de José Rubens Siqueira

personagens

NARRADOR

TININHA

IRMÃ 1

IRMÃ 2

PAI

CAMPONÊS

contra regra

ROUPAS ADEQUADAS PARA TODOS

UM BALDE CHEIO DE ÁGUA

ALGUNS COPOS

NARRADOR - Na curva grande do rio, no pé do morro mais alto, tem uma cidadezinha chamada Campo Largo da Serra. É lá que mora dona Tininha do Poço. A nossa história começa quando Tininha era a moça mais bonita da cidade. Morava numa casa grande de frente para a pracinha da cidade. Toda tarde ela ficava na janela e os moços todos vinham passear por ali, querendo casar com ela. Na hora do jantar, o pai de Tininha perguntava assim:

PAI - Então, Tininha, já escolheu o seu noivo?

TININHA - Eu acho todos bonitos, mas não amo nenhum, não.

PAI - Já está na hora de casar, minha filha.

TININHA - Eu vivo aqui tão bem com você, pai. Eu não quero casar, não.

PAI - Mas toda moça tem de casar um dia, Tininha.

TININHA - Por que?

PAI - Porque é assim que é, assim que sempre foi e assim que sempre será. Sua mãe casou comigo e antes dela a mãe dela se casou com o seu avô. Suas duas irmãs já casaram.

TININHA - Se eu casar vou ter de mudar daqui, não vou?

PAI - Vai. Quem casa, quer casa.

TININHA - Por que não posso continuar morando aqui com você?

PAI - Porque um dia eu vou morrer e alguém vai ter de cuidar da fazenda e desta casa.

TININHA - Minhas irmãs já casaram. Elas podem cuidar de tudo junto com seus maridos. Eu prefiro ficar cuidando de você, pai. E você ainda é moço e forte. Vai viver muitos anos. Depois eu penso em casamento.

NARRADOR - Ano após ano o tempo foi se passando. E Tininha não queria saber de casar. Os moços nem vinham mais passear debaixo de sua janela. Um dia, o pai dela, que já estava bem velhinho, ficou doente e morreu. Tininha ficou sozinha no casarão da pracinha. Até o dia

que as suas duas irmãs apareceram para repartir o que o pai tinha deixado pra elas.

- IRMÃ 1 - Eu fico com a fazenda.
- IRMÃ 2 - Não, a fazenda vai ser minha.
- IRMÃ 1 - Eu sou a mais velha, sou eu que tenho direito. A fazenda fica pra mim.
- IRMÃ 2 - É, você é a mais velha, mas o seu marido é mais rico do que o meu. Você devia deixar a fazenda para mim.
- IRMÃ 1 - E se o seu marido é pobre como é que você vai poder cuidar da fazenda? Tem de ter dinheiro para comprar sementes e ração para as vacas e os cavalos. A fazenda é minha.
- IRMÃ 2 - É minha. Você pode ficar com o dinheiro do banco e com esta casa da cidade.
- IRMÃ 1 - Não, você fica com o dinheiro e a casa e eu fico com a fazenda. É assim que vai ser.
- TININHA - Gente, por que vocês estão brigando? Não é preciso dividir nada. O pai sempre ensinou a gente a repartir tudo. A fazenda, a casa, o dinheiro era tudo de papai. Vamos ficar com tudo para nós três.
- IRMÃ 1 - Nada disso. Repartir é o mais certo. Se todo mundo for dono de tudo vai dar confusão. A fazenda é minha.
- IRMÃ 2 - E esta casa e o dinheiro do banco ficam para mim.
- IRMÃ 1 - E você, Tininha? O que é que você quer?
- TININHA - Para mim basta um lugar para morar e comida para comer. Quem é que precisa mais do que isso?
- IRMÃ 2 - Você pode ficar com o poço.
- TININHA - Com o poço?
- IRMÃ 1 - Com o poço.
- TININHA - Eu queria era continuar morando aqui. Passei muitos anos felizes com o papai nesta casa.
- IRMÃ 2 - Não, não. Eu vou precisar de todos os quartos. Já tenho três filhos e logo vou ter mais um. Não tem lugar para você.

- TININHA - Então posso ir morar na fazenda com você. Eu gosto tanto de lá.. Vocês se lembram das férias que a gente passava junto, correndo atrás das galinhas, tomando leite de vaca?
- IRMÃ 1 - Ah, na fazenda, na minha fazenda também não vai dar, não, Tininha. A casa lá não é muito grande e apesar de eu não ter filhos vou precisar de todos os quartos, porque os amigos do meu marido vão passar os fins de semana com a gente.
- IRMÃ 2 - Você já tem o poço, Tininha. O que é que quer mais?
- IRMÃ 1 - É isso mesmo. Você não pode reclamar. Cada uma fica com a sua parte. Outro dia mesmo eu mandei arrumar o telhado do poço. Você vai morar lá.
- NARRADOR - E Tininha foi morar do lado do poço, debaixo de um telhadinho pequeno assim. Todo mundo na cidade começou a caçoar dela. As lavadeiras que iam lavar roupa no rio e os moleques que passavam no caminho cantavam assim:
“Tininha era enjoada, não queria nenhum moço, Tininha é solteirona, agora só tem um poço.”
Mas Tininha nem ligava, porque o campo era bonito e todos os viajantes que passavam no caminho paravam pra tomar um copo da água do poço.
- CAMPONÊS - *(ACABANDO DE BEBER UM COPO DE ÁGUA)* Muito obrigado, Tininha. Você cuida muito bem do poço. A água está sempre limpa e fresquinha. E se não fosse esse poço eu ia ter de ir até em casa pra beber água.
- TININHA - Imagine, o senhor pode beber a água do rio que também é bem limpinha.
- CAMPONÊS - Era, Tininha, era. Depois que construíram aquela fábrica na curva do rio, a água está cada dia mais suja. Os peixes morreram tudo. É a poluição. A fábrica joga uma porção de porcaria na água do rio e quem beber fica doente.

TININHA - Então, toda vez que o senhor sentir sede, pode vir beber aqui. A água do poço é sempre limpa e fresquinha. Não precisa se preocupar.

CAMPONÊS - Mas eu me preocupo, sim. Desde que o rio morreu a gente tem de pegar água da chuva para poder beber, pra poder fazer comida, tomar banho, lavar roupa. Já pensou se vem aí uma seca que nem a do ano passado?

NARRADOR - E dito e feito: veio uma grande seca. Durante muitos e muitos meses, não choveu nem um pinguinho. As represas de água da chuva foram secando, secando, e a cidade inteira ficou sem água.

IRMÃ 1 - Como vai, Tininha?

IRMÃ 2 - Tudo bem?

TININHA - Eu vou muito bem, minhas irmãs.

IRMÃ 1 - Será que você podia nos dar um copo de água?

IRMÃ 2 - Estamos morrendo de sede.

TININHA - Podem pegar o quanto quiser. O balde está cheio, eu acabei de tirar a água agora mesmo. Ainda deve estar fresquinha.

AS IRMÃS BEBEM SOFREGAMENTE.

IRMÃ 1 - Você podia ficar rica, sabia, Tininha?

IRMÃ 2 - É. A cidade inteira está sem água.

IRMÃ 1 - A água do rio está poluída.

IRMÃ 2 - E a água dos poços também.

IRMÃ 1 - Seu poço é o único que está limpo.

IRMÃ 2 - É. Você podia mesmo ficar milionária.

TININHA - Como?

IRMÃ 1 - Ora, como, Tininha. Você parece que não aprende mesmo.

IRMÃ 2 - Vendendo a água do poço, Tininha.

TININHA - Vender a água?

IRMÃ 1 - Claro, você é a única que tem água na cidade.

IRMÃ 2 - Deixa ver... Se você cobrar cinquenta reais o copo e se cada morador da cidade tomar um copo por dia... vai dar...

TININHA - Que que é isso, minhas irmãs? Como é que eu vou poder vender água? A água é de todos. E vocês podem dizer na cidade que quem quiser água pode vir buscar aqui comigo. Grátis.

IRMÃ 1 - Imagine, Tininha! Eu não vou deixar você fazer isso, não. Se todo mundo vier beber o poço acaba secando.

TININHA - E se eu vender a água, o poço não seca? Seca do mesmo jeito. Eu já resolvi, o poço é meu e eu quero que todos venham beber aqui.

IRMÃ 2 - Nós somos suas irmãs. Temos mais direito que todo mundo.

IRMÃ 1 - Isso mesmo. Você não vai deixar a gente sem água, não é?

TININHA - Não vou deixar nem vocês, nem ninguém sem água. A água do meu poço é de todos. E eu tenho certeza que ele não vai secar.

NARRADOR - E assim, Tininha conseguiu salvar a cidade inteira de morrer de sede. Seu poço nunca secou e ninguém nunca entendeu porque. É o mistério de dona Tininha do Poço. E foi por isso que os moradores da cidade de Campo Largo da Serra mandaram fazer uma estátua para ela e colocaram bem no meio da praça. Se você um dia passar lá, você vai poder ver o monumento a dona Tininha do Poço. E no pé da estátua dela, ler o versinho famoso:
“Tinha era enjoada, não queria nenhum moço.
Tinha é solteirona, agora só tem um poço.”

O MISTÉRIO DOS OVOS

de José Rubens Siqueira

TRÊS GALINHAS DORMEM NOS SEUS NINHOS.

A PRIMEIRA RONCA DE UM JEITO, A SEGUNDA DE OUTRO, A TERCEIRA DE OUTRO, FORMANDO UMA MELODIA.

NUM CANTO, O GALO E O GALINHO DORMEM TAMBÉM.

E TAMBÉM RONCAM, FAZENDO UM CONTRAPONTO COM O RONCO DAS GALINHAS.

DO OUTRO LADO, O PERU PILEQUE RONCA TAMBÉM, MAIS ESPAÇADAMENTE, INTEGRANDO-SE À SINFONIA.

SAI O SOL. O GALO ACORDA, ABANA AS ASAS E CANTA.

TODOS DESPERTAM, MENOS O PERU.

AS GALINHAS SE ESPREGUIÇAM E IMEDIATAMENTE COMEÇAM A FAZER TRICÔ E CONVERSAR EM CACAREJOS VARIADOS.

ENQUANTO ISSO, O GALINHO TENTA CANTAR, DESAFINADO. O GALO CORRIGE E COCORICA DE NOVO PRA MOSTRAR COMO É. O GALINHO TENTA E NÃO CONSEGUE, O GALO SE IRRITA E TORNA A COCORICAR. O GALINHO IMITA DE NOVO.

AS GALINHAS SE IRRITAM E RECLAMAM DO BARULHO. OS DOIS FICAM QUIETOS E VÃO ACORDAR O PERU.

GALO - Acorda, peru Pileque, que a jardineira já vem vindo pra pegar os ovos e não vai gostar de te ver dormindo.

GALINHO - É isso mesmo, não vai gostar, não.

GALINHA 1 - É um absurdo dormir até essa hora.

GALINHA 2 - Nem diga. Se o pai dele ainda fosse vivo, não ia gostar nada nada de ver um filho tão preguiçoso.

GALINHA 3 - E se fosse só isso não era nada. Ele bebe também.

PERU - (*ACORDANDO*) Eu bebo sim... hic... estou vivendo... hic... tem gente que não bebe... hic... glu-glu-glu-glu-glu... já trouxeram minha pinga de hoje?

GALO - Que nada! Ainda não está perto do Natal, não tem pinga pra peru nenhum.

GALINHO - Não tem mesmo. Só no Natal.

GALINHA 1 - Aliás, eu não sei onde é que ele arruma pinga pra beber sem ser Natal.

GALINHA 2 - Ah, minha filha, bêbado quando quer ficar bêbado bebe qualquer coisa.

GALINHA 3 - É sim. Bêbado muito bêbado fica bêbado até com água de chuva.

GALO - Vamos, Pileque, acorda logo que a jardineira já tá chegando.

GALINHO - Ela já vem vindo ali.

PERU - (*ACORDANDO DE NOVO*) Beba pinga todo dia, dá saúde e energia.

A JARDINEIRA ENTRA, TODOS COCORICAM E GLUGLULEJAM PRA ELA.

JARDINEIRA - Bom dia, meus queridos.

TODOS - Bom dia, jardineira.

O PERU TORNA A DORMIR.

A JARDINEIRA VAI ATÉ O NINHO DA GALINHA 1 E PROCURA UM OVO DEBAIXO DELA.

JARDINEIRA - Ué, galinha Linha, você não botou hoje não?
GALINHA 1 - Como não botei? Como não botei? É claro que eu botei.
JARDINEIRA - Mas não tem nenhum ovo aqui.
GALINHA 1 - Nossa! O que será que aconteceu com o meu ovo que eu botei com tanto capricho?

JARDINEIRA VAI ATÉ O NINHO DA GALINHA 2 E PROCURA O OVO DEBAIXO DELA.

JARDINEIRA - Aqui também não tem nenhum ovo não, galinha Lilinha.
GALINHA 2 - Como não tem? Como não tem? E eu lá deixo de botar? Alguém já ouviu falar que a galinha Lilinha não bota ovo todo dia? Procure melhor, Jardineira.
JARDINEIRA - Já procurei e não tem nada.
GALINHA 2 - O meu ovo desapareceu!

JARDINEIRA VAI PROCURAR NO NINHO DA GALINHA 3.

JARDINEIRA - Nem aqui. Que pena! Não vou poder fazer o meu pudim de ovos.
GALINHA 3 - O que? O que? Não tem ovo no meu ninho? Mas eu botei um lindo ovo hoje mesmo. O ovo mais lindo do mundo. Aliás, os meus ovos são sempre os mais lindos. Como que não está mais aí?
JARDINEIRA - Eu não sei.
GALO - Os ovos desapareceram?
GALINHO - É isso mesmo. Os ovos desapareceram!

AS GALINHAS COMEÇAM A CACAREJAR CHOROSAS, PROTESTANDO QUE BOTARAM, SIM, QUE AQUILO É UM ABSURDO, ETC., ETC... O GALO E O GALINHO PROTESTAM TAMBÉM. O PERU ACORDA COM O BARULHO.

PERU - Alguém podia me dizer o que que está acontecendo neste galinheiro?

JARDINEIRA - Os ovos desapareceram.

PERU - Vai ver que alguém comeu.

GALINHA 1 - É mesmo! A raposa!

GALINHA 2 - A doninha!

GALINHA 3 - O gambá!

GALO - Ou então a fuinha.

GALINHO - Pode ter sido a onça.

GALO - E desde quando onça come ovo, seu bobo?

PERU - Se ninguém comeu, então o que aconteceu?

GALINHO - Eu sei.

GALO - Sabe nada.

GALINHO - Sei, sim.

GALO - Você não sabe nem cantar, como é que vai saber o que é que aconteceu com os ovos?

GALINHO - Sei, sim.

GALINHA 1 - Então diga logo.

GALINHA 2 - É isso mesmo. Diga de uma vez!

GALINHA 3 - Desembucha!

GALINHO - Eu acho... que alguém roubou os ovos.

PERU - Tá certo. Eu também acho.

JARDINEIRA - Pode ser, mesmo. Mas quem será que ia roubar os ovos das minhas galinhas tão bonitas? Todo mundo que mora por aqui é gente boa, não tem nenhum ladrão.

GALO - Só se foi alguém aqui do galinheiro mesmo.

GALINHO - Ele! O peru Pileque!

PERU - E pra que que eu quero ovo de galinha? Eu quero é pinga!

JARDINEIRA - O peru não ia fazer isso não. Não é, peru?

PERU - Eu não.

GALO - Então, quem foi?

GALINHO - Alguém de fora do galinheiro.

GALINHA 1 - Alguém foi e eu acho bom descobrir logo quem é. A gente faz uma força danada pra botar ovo todo dia e vem alguém rouba o ovo da gente? Não é justo.

GALINHA 2 - Eu também acho. A coitada da Jardineira enche a gente de milho, de ração da melhor pra gente botar ovo bom e vem alguém e rouba o ovo da gente. Não está direito!

GALINHA 3 - Não está direito mesmo! E a gente tem de defender os nossos direitos. Tá certo que a Jardineira que dá comida pra gente, mas ela bem que podia deixar a gente chocar mais de uma vez por ano.

GALINHA 1 - Que bobagem, uma vez por ano já está bom demais. Dá muito trabalho criar os pintinhos depois.

GALINHA 2 - E não é justo a Jardineira cuidar da gente e não poder ficar com os ovos.

GALINHA 3 - Vocês falam isso porque são muito jovens. Eu queria ver vocês chegarem na minha idade e ver os seus ovos serem comidos todo dia. Eu acho que a gente devia fazer um sindicato das galinhas botadeiras e aí a gente escolhe quantos ovos vai dar pra comerem e quantos ovos ficam pra gente chocar.

GALO - Que bobagem! Se ficar muito ovo pra chocar acaba enchendo o galinheiro de pintinhos, que vão virar frangos depois e aí sobra menos comida pra gente comer.

GALINHO - É, isso mesmo.

PERU - Eu acho que vocês não pegaram o espírito da coisa, gente.

GALINHO - Espírito de quem?

PERU - O espírito da coisa. A gente tá com um problema, certo?

GALINHO - Que problema?

GALO - Você que não sabe cantar direito.

PERU - Não é nada disso... Vocês querem parar de brigar?

JARDINEIRA - O problema é que estão roubando os ovos.

PERU - É isso aí.

GALINHO - É isso mesmo.

GALO - Fica quieto!

GALINHA 1 - E nós vamos ter de descobrir quem é o ladrão.

GALINHA 3 - Se eu pegar o desgraçado que roubou meu ovo eu... eu... eu...

GALO - Você o que?

GALINHA 3 - Eu bico ele inteirinho.

GALINHA 2 - Gente, como é que a gente vai fazer pra descobrir quem é o ladrão dos ovos?

JARDINEIRA - É mesmo. Como é que a gente vai fazer?

PERU - Eu sei.

JARDINEIRA - Como?

PERU - É só dar um gole de pinga pra cada um. Com a pinga a gente pensa muito melhor.

GALO - Fica quieto, você.

GALINHO - Quietinho.

GALINHA 1 - A pinga só desfaz o pensamento.

GALINHA 2 - E faz mal pro coração.

GALINHA 3 - Dissolve o cérebro.

PERU - Mas é bom!...

GALINHO - Já sei.

GALO - O que?

GALINHO - Como é que a gente faz pra descobrir o ladrão dos ovos.

GALO - Sabe nada. Você não sabe nem cantar...

GALINHO - Sei, sim.

PERU - Se ele diz que sabe, ele sabe.

JARDINEIRA - Fale.

GALINHA 1 - É, fale de uma vez.

GALINHA 2 - Fala logo.

GALINHA 3 - Desembucha.

GALINHO - Bom, eu acho que a gente podia ficar de vigia de noite.

GALO - Bobagem. E aí fica morrendo de sono o dia inteiro depois.

GALINHO - Não precisa ser todo mundo de uma vez. Primeiro fica um, enquanto os outros dormem. Depois fica outro, enquanto o primeiro dorme, depois o outro.

GALINHA 3 - A gente também pode ficar.

GALO - Pode, não. Galinha tem de dormir, senão não bota.

GALINHO - É isso mesmo.

PERU - Se tomar pinga, bota, sim.

GALINHO - Então, o que vocês acham do meu plano?

JARDINEIRA - Eu acho muito bom.

GALO - Então, vamos ver quem é que vai ficar de vigia primeiro.

O GALO, O GALINHO E O PERU TIRAM PAR OU ÍMPAR.

GALO - O peru Pileque é o primeiro, eu sou o segundo e você é o último.

GALINHO - Eu sou sempre o último.

JARDINEIRA - Então, amanhã vocês me dizem o resultado. Muito obrigada a vocês.

A JARDINEIRA SAI.

PERU - Então, eu vou ficar de vigia aqui.

GALO - E nós vamos dormir. Daqui a duas horas eu volto pra ficar no seu lugar e você ir dormir, Pileque.

PERU - Certo.

TODOS SE ACOMODAM NOS MESMOS LUGARES E DORMEM.

O PERU ANDA DE UM LADO PARA O OUTRO TRÊS VEZES. BOCEJA.

PERU - Dá um sono ficar de vigia. Se tivesse uma pinguinha ia sê bem melhor. Ai, como é bom uma pinguinha... (*dorme*)

TEMPO. O GALO ACORDA E VEM ATÉ O PERU.

GALO - Acorda, sem vergonha. Você tem de ficar de vigia pra pegar o ladrão dos ovos.

PERU - Beba pinga todo dia. Dá saúde e energia.

GALO - Que pinga coisa nenhuma. Acorda e fica vigiando.

GALINHA 1 - Vamos pará com esse barulho aí!

GALINHA 2 - Que coisa! Além de roubarem os nossos ovos vocês ainda não deixam a gente dormir. Silêncio!

GALINHA 3 - É isso mesmo. Silêncio.

GALO - E vocês parem de reclamar.

GALINHO - É isso mesmo.

*AS GALINHAS PROTESTAM. O GALO E O GALINHO RESPONDEM.
GRANDE CONFUSÃO.*

PERU - Glu-glu-glu-glu-glu. Quietos todo mundo!

TODOS SE CALAM.

PERU - Olha lá. O ladrão vem vindo.

GALO - Rápido. Todo mundo dormindo.

GALINHO - Dormindo não. Fingindo que está dormindo.

GALO - Você sempre do contra, né?

PERU - Depressa, gente. Ele vem chegando.

GALINHA 1 - Quem será?

GALINHA 2 - Quem poderá ser?

GALINHA 3 - Ai, que medo.

GALO - Eu te defendo.

GALINHO - Eu também.

GALO - Você? Você não sabe nem cantar.

PERU - Vocês querem calar a boca? Finjam que estão dormindo. Um, dois três. Já.

*TODOS FINGEM QUE DORMEM. ENTRA A JARDINEIRA, SONÂMBULA.
VAI DE NINHO EM NINHO ROUBANDO OS OVOS.*

O GALO SE APROXIMA SILENCIOSAMENTE DO PERU. O GALINHO JUNTO.

GALO - (BAIXINHO) Que que a gente faz, peru Pileque?

GALINHO - É. O que que a gente faz?

PERU - Acho que a gente devia tomar uma boa pinga.

GALO - Pára com isso, Pileque. O que que a gente deve fazer?

GALINHO - Eu acho que a gente devia acordar ela.

GALO - Você não sabe de nada. Só fala bobagem.
PERU - Sabe que é uma boa idéia?
GALO - O que?
PERU - Acordar ela.
GALINHO - E quem que vai?
GALO - Eu vou.
PERU - Não. Eu é que vou.
GALINHO - Fui eu que dei a idéia. Eu que vou.
PERU - Então, vamos os três juntos. Um, dois, três, já.

TODOS CANTAM AO MESMO TEMPO.

AS GALINHAS ACORDAM E CACAREJAM JUNTO TAMBÉM.

A JARDINEIRA ACORDA COM A CESTA DE OVOS NA MÃO.

JARDINEIRA - Oh! Onde estou? É tudo tão estranho... O que é que eu estou fazendo aqui...
GALINHA 3 - Tá roubando os nossos ovos. É isso que você tá fazendo.
JARDINEIRA - Eu?
GALINHA 2 - Você mesma. Coisa mais feia.
GALINHA 1 - E depois ainda diz que gosta da gente.
PERU - Que que é isso, galinhada. Os ovos que vocês botam são dela mesmo. Ela estava roubando o que era dela.
GALINHO - Mas se já era dela, como é que ela estava roubando?
GALO - Cala a boca, você não entende mesmo.
JARDINEIRA - Quer dizer que era eu mesma que roubava os ovos de noite?
PERU - Você mesma. Dormindo.
GALINHO - É. Você é solâmbula.
GALO - Que solâmbula o que, burro! É sonâmbula que se diz.
JARDINEIRA - Sonâmbula? Eu? Que horror! Eu que gosto tanto de vocês, roubando os ovos desse jeito. Vocês me perdoam?
TODOS - Claro.
JARDINEIRA - Eu prometo que isso não vai mais acontecer. Eu estou muito triste.
TODOS - (*CANTAM*) Ó Jardineira porque estás tão triste?

Mas o que foi que te aconteceu?

JARDINEIRA - Foi esses ovo que sumiu do ninho, sumiu do ninho e ninguém percebeu.

TODOS - Ô Jardineira, ô meu amor.

Não fique triste que esses ovo é tudo seu
você é muito sonâmbula e ainda nem percebeu. (BIS)

ONTOFAGASTA, BRUXA

de José Rubens Siqueira

personagens

NARRADOR

ONTOFAGASTA

LILITA

DAMITA

MORCEGO

contra regra

ROUPAS DE BRUXA PARA AS TRÊS

ROUPA DE MORCEGO (CAPA PRETA)

ROUPA DE BORBOLETA

NARRADOR - Lá no meio da floresta, numa casinha cinzenta, viviam Lilita, Damita e Ontofagasta, três bruxas.

*AS DUAS BRUXAS MAIS VELHAS CANTAM PARABÉNS A VOCÊ PARA A BRUXA MAIS NOVA, ONTOFAGASTA.
ABRAÇOS, CUMPRIMENTOS.*

LILITA - Pronto, Ontofagasta, agora você já tem quinze anos, já pode começar a fazer bruxarias.

ONTO - Tia Lilita, tia Damita, eu quero contar um segredo para vocês.

DAMITA - Conte, Ontinha, conte.

ONTO - Eu... eu não quero ser bruxa.

LILITA - O que??? Não quer ser bruxa???

DAMITA - Mas você tem de ser bruxa. Você nasceu bruxa!

ONTO - Pois é. Mas eu não quero.

LILITA - Você não tem escolha, menina. Tem de fazer bruxarias todos os dias.

DAMITA - É, Ontofagasta, cada bruxa é obrigada, pela lei das bruxas, a fazer sete bruxarias por semana.

LILITA - E o jeito mais fácil é dividir uma bruxaria por dia, entendeu?

DAMITA - Mas se quiser, pode fazer também todas sete num dia só.

LILITA - Mas cansa tanto. Uma vez eu quis sair de férias e tentei fazer catorze bruxarias num dia só. Quase morri de cansada.

DAMITA - E lembra aquela vez que a minha verruga inflamou? Tive de passar dois meses de cama. Depois, quando sarei, tive de passar um mês inteiro fazendo dois bruxedos por dia.

LILITA - Por isso, Ontinha, é melhor você começar já, viu, sobrinha?

ONTO - Tia Lilita, tia Damita, ouçam um pouquinho, por favor. Será que eu não posso ser dispensada das bruxarias? Afinal, hoje é meu aniversário.

DAMITA - Nunca, nunca. Você não tem vergonha de quebrar uma tradição da nossa família?

LILITA - Faz trezentos e cinquenta anos que todas as mulheres da nossa família são bruxas.

ONTO - Mas eu não gosto de fazer bruxarias.

DAMITA - Por que não?

ONTO - Eu fico com pena dos bichinhos.

LILITA - Então, faça bruxaria com gente, ué...

ONTO - Me dá mais pena ainda. O que eu queria mesmo era viver bem contente com as pessoas.

DAMITA - Ai, ai, ai. De onde essa menina foi puxar toda essa bondade?

LILITA - Precisamos preparar uma poção para curar ela disso?

DAMITA - Agora mesmo. Que tal a fórmula x três duzentos e noventa e cinco?

LLITA - É fraca. Vamos usar a vinte e nove y sessenta e quatro.

DAMITA - Isso.

ONTO - Não vai adiantar nada, titia. Vocês me criaram desde criança com todas essas poções e ainda assim eu não sinto a menor vontade de fazer bruxarias.

LILITA - É verdade.

DAMITA - Faça um esforço, Ontofagasta.

ONTO - Não. Eu não quero fazer um esforço.

LILITA - Quando você experimentar vai tomar gosto.

DAMITA - Depois que provar, não vai querer nunca mais deixar de ser bruxa.

ONTO - Mas eu quero deixar de ser bruxa.

LILITA - Bate na boca, menina. Então não sabe o que acontece com as bruxas que não querem ser bruxas?

ONTO - Não, não sei.

DAMITA - Pois é melhor não saber mesmo. Ande, sai de uma vez e vá fazer a sua primeira bruxaria.

LILITA - Isso mesmo. Pense que quando você já tiver feito mil e uma bruxarias, vai ganhar a sua vassoura voadora.

NARRADOR - Era noite de lua cheia e Ontofagasta saiu triste para passear na floresta. Encontrou um morcego que era seu amigo.

MORCEGO - O que foi, Ontofagasta?
ONTO - Estou triste.
MORCEGO - Mas por que? Hoje é dia do seu aniversário.
ONTO - Pois é. A partir de hoje tenho de fazer uma bruxaria por dia.
MORCEGO - E você não quer?
ONTO - Não. Eu não quero ser bruxa.
MORCEGO - Então, não seja.
ONTO - As minhas tias disseram que acontece uma coisa horrível com bruxa que não quer ser bruxa.
MORCEGO - O que?
ONTO - Elas não quiseram me contar.
MORCEGO - Então, o jeito é você fazer bruxarias mesmo sem querer.
ONTO - Eu nem sei por onde começar.
MORCEGO - Que tal me transformar numa borboleta?
ONTO - Mas você é tão bonito, Morcego, com as suas asas pretas que nem veludo, com essas orelhas pontudas...
MORCEGO - Quer saber de um segredo? Eu também não gosto de ser morcego.
ONTO - Verdade? Então você quer mesmo virar borboleta?
MORCEGO - Só quero. Acho muito mais bonito ter aquelas asas coloridas, voando levinho durante o dia, pulando de flor em flor.
ONTO - Morcego!! Você acaba de me dar uma idéia! Não sei porque não pensei nisso antes. Faço as bruxarias ao contrário! Assim, obedeco a lei das bruxas e não faço maldades pra ninguém.
MORCEGO - Boa idéia!
ONTO - Ótimo! Vou começar com você. Está pronto?
MORCEGO - Prontinho.
ONTO - Então, lá vai. Scalabrim, scalabreta, morcego, vire borboleta.

O MORCEGO RODOPIA E DEIXA CAIR A CAPA PRETA, REVELANDO POR BAIXO ASAS COLORIDAS DE BORBOLETA. SAI VOANDO.

NARRADOR - Ontofagasta tinha encontrado o seu jeito de cumprir a lei das bruxas. Uma semana depois...

LILITA - Então, Ontinha, fez os sete bruxedos desta semana?
ONTO - Fiz, sim senhora.
DAMITA - Então, conte pra gente.
ONTO - Bom, no domingo eu transformei um morcego em borboleta. Na segunda-feira, fiz aquela figueira seca da estradinha dar uma porção de frutas. Na terça, fiz o poço seco da vila dar água outra vez. Na quarta, transformei todos os sapos da lagoa em príncipes lindos. Na quinta...

LILITA - Não, não, não continue.
DAMITA - Fui eu que sequei a figueira da estrada.
LILITA - E eu que sequei o poço da vila.
DAMITA - E de todos os sapos da lagoa só um era um príncipe encantado.
LILITA - Você fez tudo errado, menina.
ONTO - Mas eu fiz um bruxedo por dia, todos os dias.
DAMITA - Mas não fez bruxedos maus.
LILITA - Tá pensando que é fada, menina?
DAMITA - Você é bruxa.
ONTO - Mas eu não quero ser bruxa.
LILITA - Então, vai ter de sofrer o castigo...
DAMITA - Vamos ter de transformar você numa árvore seca.
LILITA - E só um raio de tempestade poderá libertar você.
DAMITA - E se algum dia isso acontecer você perde todos os poderes.
ONTO - Dói?
LILITA - Claro que não. Já viu árvore seca sentir dor?
ONTO - E eu viro gente comum?
DAMITA - Credo! É isso, você vira gente comum.
ONTO - Então, eu quero.
LILITA - Que bobagem, menina. E se nenhum raio cair em você?
ONTO - Então eu fico árvore para sempre. Prefiro ser árvore que ser bruxa.

NARRADOR - E assim Ontofagasta foi transformada numa árvore seca na beira da lagoa. Teve de esperar mais de cem anos. Até que um dia um raio de tempestade caiu na árvore e a libertou para sempre.

VIRA-LATA LEGÍTIMO

de José Rubens Siqueira

personagens

NARRADOR

MADAME

LULU

LADRÃO

CÃO 1

CÃO 2

contra regra

ROUPAS ADEQUADAS

CASACO DE PELES

COLAR DE DIAMANTES

BOLSA GRANDE

COLEIRA COM CORREIA

REVÓLVER DE PAPELÃO

NARRADOR - Madame tinha um cachorrinho. É só assim que começa a nossa história. Olha, eles vem vindo ali.

MADAME ENTRA COM SEU CACHORRINHO PELA COLEIRA.

MADAME - Vamos, Lulu, vamos, filhinho do meu coração.

LULU - Au.

MADAME - Ai, como ele late bonitinho. Vocês não acham? Ah, meu Lulu é uma gracinha. Ele é tão peralta! Acho que é de família, ser peralta assim. O meu Lulu tem um puríssimo pedigree.

LULU - Au, au?

MADAME - Pedigree, Lulu. Quer dizer que você é de raça, de raça puríssima. Que você é um cão de boa família. Todos os seus pais, avós, bisavós, tetravós, todos eram de raça puríssima.

LULU - Au, au, au...

Madame mente. Madame mente muito, ô meu. Eu sou mesmo é vira-lata. Ela me pegou na rua e eu não sou besta, fui ficando na casa dela. Se ela quer fingir que eu sou de raça, é comigo mesmo... Mas madame mente tanto. Olha o colar dela, é de vidro. Olha o casaco: é de coelho. Na bolsa não tem nenhum dinheiro, mas ela diz que é muito rica. E me trata como se fosse rica mesmo. É Lulu pra cá, Lulu pra lá, sempre no agrado. Êta vida boa, êta sorte a minha...

Au, au, au...

MADAME - Au, que gracinha! O meu Lulu entende tudo. É da raça, é da raça. E ele é tão valente...

LADRÃO ENTRA COM O ROSTO COBERTO POR UM LENÇO, DE FORMA QUE NÃO SE ENTENDE O QUE ELE DIZ.

COMO UM BANDIDO DO FAROESTE, ENCOSTA O REVÓLVER DE PAPELÃO NAS COSTAS DE MADAME.

LADRÃO - Grum humpf rumm phrunt...
MADAME - O que? Um assalto? Ai, ai, acho que eu vou desmaiar...
LADRÃO - Psst tramp grump grump...

MADAME ENTREGA O COLAR, LULU SE ACOMODA PARA DORMIR, BOCEJA.

MADAME - O meu colar de diamantes legítimos... Lulu?
LADRÃO - Pssch us cassqu trabb...
MADAME - O meu casaco de vison... Luluzinho...

MADAME ENTREGA O CASACO.

LADRÃO - Agrr mptr klbols

MADAME ENTREGA A BOLSA, O LADRÃO PEGA E SAI, SORRATEIRO, OLHANDO PARA OS LADOS.

MADAME - A minha bolsa, todo o meu dinheiro, meus documentos, meus cartões de crédito, meus cheques... Ai, Lulu. Ai, Lulu! Você não me defendeu?! Vamos, vá atrás do ladrão. Prove que você é da mais pura raça. Vamos!

LULU - Au?

MADAME - Vai, Lulu. Ele foi por ali.

LULU - Au, au?

MADAME - *(HISTÉRICA)* Vamos, Lulu!!!

LULU ROSNA NA DIREÇÃO POR ONDE SUMIU O LADRÃO E CORRE PARA FORA. MADAME CORRE ATRÁS.

LULU - Au, au, au, au, au, au, au, au, au...

MADAME - Pega, pega ladrão! Pega!

NARRADOR - Lulu correu pela cidade, mas não conseguiu pegar o ladrão. Ele nem lembrava como era o ladrão. E então, cansado, com fome, quis voltar para casa. Mas não conseguiu achar o caminho. Estava perdido.

LULU - Au? Au, au?
Madame, onde é que você está? Madame, madame...
Ah, eu estou perdido.
(PARA ALGUMA CRIANÇA DA PLATÉIA) Você não sabe onde é que é a casa da madame? Não, não sabe.
Au... au, au...
É, acabou-se a boa vida. Estou de volta na rua.

ENTRAM DOIS OUTROS CACHORROS MALANDROS LATINDO MUITO E FAZENDO GRANDE ALGAZARRA.

OS DOIS CERCAM LULU, OS TRÊS SE FAREJAM, COMO OS CÃES, SE RECONHECENDO. LATEM MUITO.

CÃO 1 - Ô meu, você não é daqui, não, é?

LULU - Não, não sou. Eu moro numa mansão no Morumbi. E vocês?

CÃO 2 - A gente mora por aí. Um dia aqui, um dia ali. Às vezes a gente dorme embaixo do viaduto, às vezes num banco da praça... Sabe como é...

LULU - É, eu sabia...

CÃO 1 - A gente agora tá indo lá pro Bixiga, lá tem muito restaurante. Que tal almoçar com a gente, cara?

CÃO 2 - Tem cada cantina italiana. As latas de lixo são assim grandes, ó.

LULU - Lixo? Comer comida do lixo? Que horror!

CÃO 1 - Que horror, ô carinha. Tem filé, tem porpeta... É o maior barato.

CÃO 2 - É. E depois, se fizer sol a gente vai nadar no rio Tietê, lá perto da Marginal...

LULU - Mas a minha dona me deu banho hoje de manhã...

CÃO 1 - Qual é, meu? Tu nem parece um vira-lata...

LULU - E não sou mesmo. Eu tenho pedigree.

OS DOIS CACHORROS DE RUA CAEM NA GARGALHADA.

CÃO 1 - Que pedigree, coisa nenhuma. Tu é vira-lata que nem a gente.

CÃO 2 - Não adianta fazer pose. A gente te saca, carinha.

CÃO 1 - Vai querer mentir pra gente que é amigo?

LULU - Comer da lata do lixo? Nada no rio tão sujo? Ai, que horror! Não, eu não vou. Tenho de achar a minha madame.

CÃO 1 - Então, te manda. A gente vai se divertir por aí. Se você prefere viver na coleira, problema seu.

OS CACHORROS SAEM LATINDO, LULU PASSEIA PELA PLATÉIA LATINDO TRISTE PARA AS CRIANÇAS.

O LADRÃO PASSA CORRENDO COM AS COISAS QUE ROUBOU DE MADAME NAS MÃOS.

LULU CORRE ATRÁS DELE, LATINDO COMO LOUCO. OS DOIS CÃES DE RUA VOLTAM CORRENDO E AJUDAM. ENCURRELAM O LADRÃO.

MADAME ENTRA CORRENDO.

MADAME - É ele, é ele! Seu bandido, sem vergonha.

OS CÃES O MANTÉM IMOBILIZADO. MADAME BATE NELE E PEGA SUAS COISAS. O LADRÃO ESCAPA, OS CÃES DEIXAM.

MADAME - Lulu, Luluzinho querido. Você conseguiu!

LULU LATE ENQUANTO ELA O AGRADA. OS DOIS CÃES VADIOS OLHAM. LULU LATE APRESENTANDO OS AMIGOS.

MADAME - O que foi, Lulu? Ó, que cachorros mais feios, são tão sujos. Você foi se meter em más companhias, meu Lulu querido. Vamos já para casa. vamos tomar banho, comer a sua raçãozinha.

ELA PEGA A COLEIRA E PUXA. LULU RESISTE, CHORANDO.

- CÃO 1 - Ô meu, que madame mais ingrata.
- CÃO 2 - É. A gente ajudou a pegar o ladrão e ela nem agradece.
- CÃO 1 - E ainda disse que a gente é feio.
- CÃO 2 - É, carinha. Vai você lá pra tua mansão no Morumbi. A gente prefere viver na rua mesmo...
- MADAME - Mas o que é isso, Lulu? O que é isso, filhinho? Não, não. Você não pode ir embora com eles. Xô, xô, cachorrada. Vão embora. Não venham passar as suas pulgas para o meu Luluzinho.
- LULU - Au, au, au... Madame, madame. Eles que me ajudaram a pegar o ladrão. Será que você não entende? Eles são os meus amigos, viralatas como eu. Não adianta fingir. Eu não sou cãozinho de raça, não.
- Au, au, au, au...

LULU MORDE A COLEIRA E CONSEGUE SE SOLTAR. FOGE COM OS AMIGOS.

MADAME CORRE ATRÁS. SAEM TODOS.

LULU E SEUS AMIGOS TORNAM A ENTRAR PELO OUTRO LADO.

- LULU - Pra ser rico de mentira, eu prefiro é a liberdade.
- Não adianta fingir que eu sou o que eu não sou.
- Vamos lá, pessoal, vamos achar uma lata de lixo bem cheia que eu estou morrendo de fome...

SAEM OS TRÊS CÃES, LATINDO ALEGREMENTE.

YOMESAN, O MATADOR DE SERPENTES

de José Rubens Siqueira

personagens

NARRADOR

VELHO REI

MENINO

MENINA

YOMESAN

contra regra

ROUPAS ADEQUADAS PARA TODOS

VARA DE PESCA PARA YOMESAN

COBERTOR PARA O REI

ESPADA

NARRADOR - Quem chega de navio à ilha Diasopar, vê logo parado na praia um homem alto, de espada na mão. É Yomesan, o matador de serpentes. E esta é a sua história.

*VELHÍSSIMO REI SENTADO NO TRONO, COBERTOR SOBRE AS PERNAS.
DE UM LADO UM MENINO, DO OUTRO UMA MENINA.*

REI - Meus netos, quero contar para vocês a história da nossa terra.

MENINO - Oba! História!

MENINA - Que bom!

REI - Há muito tempo atrás, a nossa ilha Diasopar era uma terra muito grande, cheia de árvores, flores e bichos, como hoje. Mas um dia, saiu do mar um dragão que começou a roubar pedaços da nossa terra. Cada dia que passava, Diasopar ficava um pouco menor. Os homens que viviam aqui naquele tempo eram muito valentes e um deles era mais valente que todos. Era Yomesan. Um dia, ele saiu para o mar no seu barquinho, lutou com o dragão e venceu. Então, pegou de volta todos os pedaços da nossa terra que o dragão tinha roubado, e tornou a colocar no mar, em volta de Diasopar. São essas rochas que nós hoje chamamos de Arquipélago.

MENINO - As ilhas secas?

REI - Isso mesmo.

MENINA - Por que o dragão roubou as ilhas?

REI - Porque ele queria construir um ninho para suas filhas, as serpentes.

MENINO - E o Yomesan não deixou.

REI - Quanto Yomesan trouxe de volta os rochedos, eles já estavam secos. O dragão tinha comigo todas as plantas e todos os bichos.

MENINA - Ele não conseguiu fazer o ninho pras serpentes, né?

REI - Não. Mas os ovos do dragão ficaram nas pedras e por isso nunca mais cresceu nada em cima delas.

MENINO - E por que o Yomesan não quebrou os ovos todos?

REI - Porque ele não viu. Depois de juntar os rochedos, Yomesan desapareceu e ninguém mais soube dele.

MENINA - Então, as rochas ainda têm ovos de dragão?

REI - Têm. E é por isso que eu estou contando esta história para vocês. Dizem as lendas que um dia esses ovos vão se abrir e as serpentes vão atacar também a nossa ilha Diasopar. Eu e meu filho, o pai de vocês, fomos muitas vezes até as ilhas, para encontrar os ovos.

MENINO - E encontraram?

REI - Encontramos alguns. Mas estavam vazios.

MENINA - Quer dizer que as serpentes já tinham nascido.

REI - Já. Conseguimos matar algumas serpentes. Mas uma delas picou seu pai.

MENINO - Eu sei. Meu pai lutou com a filha do dragão e cortou a cabeça dela, mas ela conseguiu morder ele e por isso que ele morreu.

REI - Agora, meus netos, está chegando a hora de eu ir embora também. Vocês ainda são muito novinhos, mas vão precisar defender a nossa ilha Diasopar com valentia.

MENINO - Eu vou ser valente igual ao meu pai.

MENINA - Eu também.

REI - Eu sei que vocês são fortes e valentes. Mas vão precisar de ajuda até crescerem mais. As serpentes nascem todos os dias e a cada dia que passa o maior o perigo delas atacarem Diasopar.

MENINO - Você ajuda a gente, vovô.

REI - Eu já estou velho demais para isso, filho. Vocês precisam de uma ajuda maior que a minha. Procurem Yomesan.

MENINA - Ele ainda está vivo?

REI - Em algum lugar entre as ilhas do arquipélago, Yomesan ainda está vivo. Durante a luta com o dragão, ele foi mordido pelo bicho. E quem é mordido pelo dragão não morre nunca. Fica imortal.

NARRADOR - Poucos dias depois, o velho rei morreu, pois ele já era muito velhinho. Seus netos então, que agora eram os príncipes de Diasopar, saíram pelas ilhas à procura de Yomesan.

MENINO E MENINA ENTRAM, CANSADOS, E SENTAM-SE NO CHÃO.

MENINA - Vamos descansar um pouco aqui.
MENINO - Só faltam duas ilhas e ainda não encontramos Yomesan.
MENINA - Será que ele existe mesmo?
MENINO - Tem de existir. Senão as serpentes vão acabar com Diasopar. Você viu os ovos abertos.
MENINA - Vi. Mas não conseguimos encontrar nenhum ovo inteiro. Será que elas já nasceram todas?
MENINO - Não. Acho que não. Os ovos do dragão devem estar enterrados nas pedras. Temos de encontrar Yomesan.

OUVE-SE ALGUÉM ASSOBIANDO, SE APROXIMANDO.

ENTRA EM CENA UM HOMEM COM VARA DE PESCA NAS COSTAS.

ELE ESTACA AO VER OS MENINOS.

MENINA - Será que é ele?
MENINO - Só pode ser. Faz três dias que estamos passando pelas ilhas e ainda não encontramos ninguém.
MENINA - Então, vamos falar com ele.
MENINO - Calma. Yomesan é um herói. A gente precisa tratar com respeito.

O MENINO SE APROXIMA DO HOMEM, QUE PERMANECE CAUTELOSAMENTE IMÓVEL.

MENINO - Salve, Yomesan, que venceu o dragão e construiu o arquipélago.
MENINA - Precisamos da sua ajuda, herói.
PESCADOR - Vocês devem estar enganados. Eu não sou Yomesan, não sou herói. Sou só um pescador.
MENINA - Viu? Não é ele. Vamos embora.
MENINO - Calma aí. É ele, sim. Só pode ser ele. Você não se lembra que o vovô contou: Yomesan não gosta de homenagens. Por isso é que foi embora de Diasopar.
PESCADOR - O que é que vocês dois estão fazendo nesta ilha deserta?

MENINO - Viemos da ilha de
Diasopar, que fica no centro do arquipélago.

PESCADOR - Diasopar?! Então, essa ilha existe mesmo?...

MENINA - Existe, sim. Nós moramos lá.

MENINO - Mas Diasopar está em perigo, Yomesan.

PESCADOR - Já falei que eu não sou esse Yomesan. Se vocês moram em
Diasopar, o que é que estão fazendo aqui?

MENINO - Viemos procurar Yomesan para salvar a nossa terra.

PESCADOR - E quem é esse Yomesan?

MENINA - Foi ele quem construiu o arquipélago e salvou Diasopar.

MENINO - Mas agora os ovos do dragão estão chocando e as serpentes, filhas
do dragão, vão atacar a nossa ilha.

MENINA - Precisamos da ajuda de Yomesan.

PESCADOR - Nossa! Essa história está muito complicada. Acho melhor vocês me
contarem tudo desde o início.

OS TRÊS SENTAM-SE PARA ESCLARECER O ASSUNTO.

NARRADOR - Os meninos contaram direitinho toda a história de Diasopar, como
o avô tinha contado para eles. O pescador era um homem bom e
resolveu voltar com eles para Diasopar. Não era Yomesan, mas ia
tentar ajudar. Além disso, estava curioso! Há muitos anos que
pescava naquelas pedras e ouvia falar da ilha de Diasopar. Será que
esse lugar existia mesmo?

PESCADOR - Então, Diasopar existe mesmo. E não só existe, como é o lugar
mais lindo da terra. Vocês podem contar comigo, meninos. De hoje
em diante, eu defenderei Diasopar contra as serpentes e contra
qualquer coisa que ataque esta ilha.

MENINO - Tome. Esta espada era do meu pai. Com ela, ele matou muitas
serpentes.

MENINA - E nós esperamos que você mate também, Yomesan.

PESCADOR - *(SORRI)* Se vocês quiserem podem me chamar assim. De hoje em diante, eu sou Yomesan, o matador de serpentes, o defensor de Diasopar.

MENINO - E como rei e rainha desta terra, eu e minha irmã agradecemos a sua ajuda, herói.

NARRADOR - E foi assim que um pescador solitário passou a ser Yomesan. Ninguém sabe explicar como, nem porque, mas quando as serpentes atacaram Diasopar, Yomesan foi o mais valente dos homens e acabou com elas.

Isso foi há muitos e muitos anos. Mas até hoje, o pescador solitário, Yomesan, matador de serpentes, continua guardando as praias de Diasopar.

Será que ele é o mesmo que foi mordido pelo dragão e se tornou imortal?

DUPLO ENCANTO
de José Rubens Siqueira

personagens

NARRADOR

PRINCESA

FADA

PRÍNCIPE

contra regra

ROUPAS ADEQUADAS

CARACTERIZAÇÃO DA PRINCESA CONFORME ESPECIFICADO NO TEXTO

CARACTERIZAÇÃO DE VELHO

NARRADOR - Era uma vez uma princesa. Apesar de rica e bonita, ela era muito infeliz. Nos bailes e festas do castelo, ela sempre achava que as outras princesas eram mais bonitas que ela.

PRINCESA - Ah, se eu tivesse o cabelo da Margarida. Meu cabelo é tão escuro, tão liso... O dela é loiro como ouro, cheio de cachos tão bonitos... E o meu nariz é tão pequeno. Eu nem posso empinar o nariz no ar como toda princesa deve fazer. eu queria ter o nariz da Isabela, que é grande, forte, reto. E queria ter os dentes da Emengarda, que são grandes e brilham como pérolas.

Não gosto também da minha mão. Eu tenho os dedos finos, magrinhos. Queria ter as mãos da Ingrid, bem grande e roliça, com as unhas compridas.

Isso sem falar da minha altura... Eu sou tão baixinha! Quem me dera ser do tamanho da Cândida, que é quase mais alta que o rei.

E para ser assim tão linda eu teria de ter pés maiores também. Os meus são tão pequenos. Eu queria ter os pés do tamanho dos da Mafalda.

Depois, pra combinar com toda essa maravilha eu não podia ser magra assim como eu sou. Tinha de ficar mais gordinha, igual a Sofia.

Ah, como eu queria poder me transformar... Só assim eu ia poder arrumar um belo príncipe para mim.

Eu sou mesmo infeliz... Ninguém vai querer casar comigo...

(CHORA)

FADA ENTRA.

FADA - Por que você está chorando, princesa?

PRINCESA - Quem é você? Como entrou no meu quarto?

FADA - Eu sou a sua fada madrinha. Eu estava voando por aqui e vi você chorando, resolvi entrar...

PRINCESA - Você pode voar?

FADA - Claro. Eu sou uma fada.

PRINCESA - Ah, como eu queria voar...

FADA - É por isso que você está chorando? Eu posso te levar pra dar uma volta.

PRINCESA - Não, eu queria voar sempre.

FADA - Isso não é possível. Só as fadas e os passarinhos podem voar sempre.

PRINCESA - Você é mesmo minha fada madrinha?

FADA - Sou, sim.

PRINCESA - E pode me dar tudo o que eu quiser?

FADA - Quase tudo... quando você nasceu eu prometi que não ia deixar você ficar infeliz.

PRINCESA - Pois eu estou infeliz.

FADA - Por que?

PRINCESA - Eu queria ser diferente do que eu sou.

FADA - É. Na sua idade a gente sempre quer mudar. E com o tempo a gente acaba mudando mesmo.

PRINCESA - Você me ajuda? Você realiza os meus desejos?

FADA - Se estiver ao meu alcance... O que é que você quer?

PRINCESA - Eu quero os cabelos da Margarida, o nariz da Isabela, os dentes da Emengarda, as mãos da Ingrid, a altura da Cândida, os pés da Mafalda e o corpo da Sofia.

FADA - Mas, filha. Se eu te der tudo isso, você não vai mais ser você.

PRINCESA - Eu quero. Eu quero. Você é a minha fada madrinha, a semana que vem é meu aniversário. Você tem de me dar tudo isso.

FADA - Você acha que assim vai ficar mais feliz?

PRINCESA - Tenho certeza.

FADA - Então, tá bom. No dia que você fizer quinze anos, à meia-noite, você vai se transformar. Mas não conte pra ninguém.

NARRADOR - A princesinha mal podia esperar. Não contou o seu segredo para ninguém.

No dia do aniversário, o rei, seu pai, deu uma grande festa. Quando uma princesa faz quinze anos é uma data importante porque ela é apresentada a todos os príncipes. O rei convidou muita gente, mandou fazer as comidas mais gostosas e chamou a melhor orquestra do reino.

À meia-noite começou a valsa e a princesinha entrou no salão.

REI ESPERANDO, VALSA COMEÇA. A PRINCESINHA ENTRA, INTEIRAMENTE TRANSFORMADA: GORDA, DE SAPATOS ENORMES, AS LUVAS COBRINDO MÃOS GIGANTESCAS, DENTES ENORMES DEBAIXO DE UM IMENSO NARIZ E COROANDO TUDO UMA GIGANTESCA PERUCA, LOIRA DEMAIS, DESPENCANDO EM CACHOS HORRÍVEIS.

O REI REAGE COM HORROR (E EVIDENTEMENTE, A PLATÉIA TAMBÉM, DIANTE DA FIGURA ENGRAÇADA)

REI - Parem a música! Parem, já! Quem é você? O que é isso?!

PRINCESA - Sou sua filha, a princesa Elisabeta.

REI - Não! Não! Você não é minha filha! Onde é que está a princesa? Guardas!

PRINCESA - Pai, sou eu mesma. Você não me reconhece? Eu fiquei tão bonita...

REI - Não, você não é minha filha! Fora do meu castelo! Guardas! Levem este monstro embora daqui! Procurem a princesa!

PRINCESA - Pai! Pai! Sou eu, sua filha! Eu sou a princesa.

REI - Fora. Fora daqui!

O REI ENXOTA A PRINCESA.

NARRADOR - E a princesinha foi enxotada do castelo.
Ela correu pela floresta, chorando e tremendo e quando já estava bem longe sentou para descansar.

PRINCESA CHORANDO, FADA ENTRA.

FADA - Chorando outra vez, filha?

PRINCESA - Você tinha razão, madrinha. A transformação não deu certo. Todo mundo deu risada de mim e nem meu pai me reconheceu. Ele mandou os guardas me expulsarem do castelo. Eu queria ficar linda e acabei virando um monstro. Quero voltar ao que eu era antes...

FADA - Agora não dá mais, filha.

PRINCESA - Como não dá mais? Você é uma fada, tem tantos poderes...

FADA - Mas eu não posso desfazer o que eu mesma fiz.

PRINCESA - Quer dizer que eu vou ficar assim para sempre?

FADA - Não. Você pode voltar a ser como era antes, quando alguém gostar de você como você é agora.

PRINCESA - Mas eu fiquei tão feia... Quem vai me querer assim?

FADA - Aquele que for capaz de olhar para o seu coração e não para sua cara.

NARRADOR - A fada desapareceu e deixou a princesinha sozinha na floresta. Ela andou, andou o dia inteiro e quando chegou a noite encontrou uma casinha. Era uma casinha bonita, mas estava muito suja. A princesinha, que nunca tinha trabalhado antes, arrumou tudo bem depressa. Quando estava tudo limpo...

VELHO ENTRA.

VELHO - Quem é você? O que está fazendo na minha casa?

PRINCESA - Eu não tenho pra onde ir. O senhor me deixa ficar aqui?

VELHO - Hum... Foi você que arrumou e limpou tudo?

PRINCESA - Fui, sim senhor.

VELHO - Você sabe fazer comida?

PRINCESA - Não sei, mas posso aprender.

VELHO - Se você cuidar da casa e fizer a comida, você pode ficar morando aqui. Eu trabalho na roça o dia inteiro e só volta pra casa de noite.

PRINCESA - Se quiser, eu posso ajudar na roça também.

VELHO - Você sabe?

PRINCESA - Não sei, mas posso aprender.

NARRADOR - E durante um ano inteiro, a princesinha trabalhou na casa e na roça, ajudando o velhinho na floresta. Ela aprendeu coisas novas e já nem se lembrava mais da vida no castelo.

VELHO - Amanhã vamos à feira, vender as verduras. Você quer ir comigo?

PRINCESA - Não! Não podemos deixar a casa sozinha. O senhor vai, que eu fico.

VELHO - Muito bem pensado, menina. Sabe de uma coisa? Se eu fosse mais moço acho que casava com você.

FADA ENTRA.

FADA - Até que enfim. Eu não aguentava mais esperar. Chegou a hora de desfazer o encanto, Princesa.

VELHO - Princesa?

FADA - É. E você também vai voltar a ser príncipe.

PRINCESA - Príncipe?

FADA - Isso mesmo. Vocês dois estavam encantados, mas agora já aprenderam a lição.

NARRADOR - Durante todo o dia, a fada ficou com eles, contando para os dois o que tinha acontecido no reino de cada um durante todo aquele tempo. E quando deu meia-noite, ouviu-se música na floresta e o encanto se quebrou.

PRÍNCIPE E PRINCESA EM SUAS FORMAS ORIGINAIS DANÇAM A VALSA.
